

O ENSINO DE ORTOGRAFIA: UM DESAFIO QUE PODE SER VENCIDO¹

Viviane Silveira Mapurunga²

Resumo

No presente artigo, traçamos uma análise sobre o ensino de ortografia para alunos do Ensino Fundamental. Objetivamos, com esse estudo, propiciar aos referidos educandos subsídios para a aprendizagem prazerosa, e não cansativa, das regras ortográficas, bem como, aos educadores, uma orientação no que diz respeito ao ensino da ortografia, possibilitando um melhor rendimento de seus alunos. Um estudo empírico foi realizado para que, diante da dificuldade do aluno em transcrever algumas palavras, o educador possa se utilizar de recursos facilitadores para trabalhar as alterações ortográficas encontradas na escrita de seus alunos. As obras de Jean Piaget, Vicente Barbera Albalat, Artur Gomes de Moraes, Mirim Lemle, entre outros, foram de fundamental importância para a pesquisa bibliográfica. No estudo empírico, tivemos como suporte teórico a obra de Jaime Luiz Zorzi. Para maior compreensão do nosso trabalho, fizemos uma divisão em três partes. Na primeira, base teórica desta pesquisa, dividimo-la em três subcapítulos, onde discorremos sobre a evolução da língua escrita, sua importância enquanto convenção ortográfica, e sua aquisição pela criança. Na segunda parte, apresentamos uma pesquisa de campo onde constatamos as principais alterações ortográficas existentes na escrita dos alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental da Escolinha Rainha da Paz, localizada na cidade de Sobral. Na terceira parte, sugerimos algumas das principais técnicas e estratégias do ensino de ortografia. Esta pesquisa permitiu-nos concluir que, por mais que pareça difícil, é possível ensinar ortografia ligando-a aos interesses dos alunos.

Palavras-chave: Ensino de ortografia. Aprendizagem. Aquisição da escrita.

Abstract

In this essay we point out the analysis of the teaching of orthography for students of Fundamental Schooling. This way, we aim to furnish to these students subsidies for a pleasant but not wearisome apprenticeship of the orthographical rules, as well as for teachers some orientation in orthography training, which may enable better results for the students. An empiric study was made so that, before the students' difficulties in transcribing some words, the teachers may use resources that make easier to work on orthographical alterations occurring in their students' writings. The works by Jean Piaget, Vicente Barbera Albalat, Artur Gomes de Moraes, Mirim Lemle and others have been very important to the bibliographical research. In our empiric study we've made a division in three suchapters, in which we discourse about the evolution of write ten language, its

¹ Artigo apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa e Literatura, sob a orientação da Prof^a. Ms. Maria Elisalene Alves dos Santos.

² Aluna do Curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

importance as orthographical convention, as well as its acquisition by the children. In the second part we present a local research in which we've found the main orthographical alterations that occur in the students' writings of the 4th and 5th year of Elementary Education of the "Escolinha Rainha da Paz" in Sobral City. In the third part we suggest someones of the principal techniques and strategies for orthography learning. This research permits us to conclude that, however it may seem difficult, it is possible to teach orthography attached to the students' interests.

Key-words: Teaching of orthography. Apprenticeship. Acquisition of writing.

INTRODUÇÃO

O propósito dessa pesquisa está ligado às situações difíceis encontradas pelos educandos no que se refere às questões de grafia de certas palavras, principalmente aquelas que têm sua correspondência letra/som irregulares.

Muitos professores sentem-se inseguros ao cobrarem a ortografia de seus alunos devido a falta de conhecimento necessário para fazê-lo. Diante dessa problemática encontrada em nossa educação, faz-se necessário um trabalho de investigação a fim de possibilitar alternativas para que o professor tenha êxito na difícil, mas não impossível, tarefa de ensinar ortografia. Alternativas que correspondam às reais necessidades encontradas nas salas de aula e que levem os alunos a experimentarem uma maneira diferente, progressiva do aprendizado.

A metodologia escolhida para este trabalho foi a bibliográfica, através das obras de Artur Gomes de Moraes, Mirim Lemle, Vicente Barbera Albalat, Jean Piaget, entre outros, como também uma pesquisa de campo, onde fizemos uso do "Roteiro de Observação Ortográfica", de Jaime Luiz Zorzi.

Através desse estudo, observamos que a forma de cobrar a correção ortográfica, muitas vezes, é realizada de forma repetitiva, mecânica, sem a utilização das regras gramaticais, sem valorizar o acerto das respostas, sem incentivar comentários, fazendo com que o aluno, ao invés de prazer, tenha um sentimento de repulsa ao escutar palavras como ditado e redação. E que dessa forma é impossível obter um diagnóstico preciso para o aprimoramento da escrita.

No último momento deste trabalho, apresentamos técnicas e estratégias

didáticas a fim de favorecer o ensino e, principalmente, a aquisição da escrita ortográfica.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A evolução da língua escrita

Para chegar até a palavra escrita, como a que hoje usamos, o ser humano precisou percorrer um longo caminho. Sabemos que há quarenta mil anos o homem não apenas existia, ele pensava e também desenvolvia qualidades artísticas, pois fazia diversas pinturas nas paredes das cavernas, tais como cavalos, touros, etc, o que conhecemos como escrita pictográfica (CAGLIARI, 1992).

A princípio, esses trabalhos artísticos eram feitos no fundo das cavernas, e não na entrada, onde os homens tinham maior acesso. Por isso, o homem pensava que essas figuras possuíam um significado mágico. Mais tarde foram surgindo tipos de desenhos que comunicavam alguma coisa. Era uma tentativa de escrita, embora fosse muito simples.

Com o passar do tempo, a escrita foi se transformando. O ser humano precisava escrever coisas mais completas. Pouco a pouco, as pessoas foram se habituando a escrever e, com isso, veio a simplificação dos símbolos, para que o que fosse escrito tivesse a compreensão de todos. Esses desenhos especiais recebem o nome de ideogramas. À proporção que o tempo ia passando, os símbolos iam se simplificando cada vez mais. As letras do nosso alfabeto vieram desse tipo de evolução (CAGLIARI, 1992).

A primeira escrita dos babilônios era bem codificada, feita em lajota de barro mole para escrever e um pequeno bastão em madeira ou ferro. Pela dificuldade de escrever linhas curvas de barro, passaram a fazer “marcas” na argila. Para fazê-lo usavam um estilete de ponta triangular – a cunha. Este processo de escrita denominou-se cuneiforme.

Os egípcios inventaram uma escrita que era gravada sobre a pedra. Por mais trabalhoso que fosse, qualquer tipo de documento escrito possuía uma durabilidade eterna; característica forte da cultura egípcia, que dava grande importância a

durabilidade das coisas.

Cagliari (1992) afirma que os gregos criaram o sistema de escrita alfabética, que apresenta um inventário menor de símbolos e permite a maior possibilidade combinatória de caracteres na escrita. Posteriormente, a escrita grega foi adaptada pelos romanos, e esta forma modificada constitui o sistema alfabético greco-latino, de onde provém o nosso alfabeto. Os gregos modelaram as letras e estabeleceram as regras de escrever conhecidas até hoje, da esquerda para a direita, ao contrário das outras línguas semíticas. Também introduziram o uso das vogais.

O sistema de escrita do português usa vários tipos de alfabeto, apesar disso não é totalmente alfabético, usando além de letras, outros caracteres de natureza ideográfica como os sinais de pontuação e os números.

A relação entre as letras e os sons da fala é sempre muito complicada pelo fato de a escrita não ser o espelho da fala e porque é possível ler o que está escrito de diversas maneiras. Por isso, muitas vezes usamos recursos especiais da escrita para representar alguns sons da fala, como o caso da utilização de duas letras para representar um som (dígrafos). Cagliari (1992, p.117) diz que: “É uma ilusão pensar que a escrita é um espelho da fala. A única forma de escrita que retrata a fala, de maneira a correlacionar univocamente letra e som, é a transcrição fonética”.

Usamos também letras que não têm som nenhum na fala, mas que estão presentes na escrita, como letras que podem estar relacionadas com diferentes segmentos fonéticos ou segmentos fonéticos que podem ser representados por diferentes letras.

Na escrita do português existem também alguns sinais gráficos que conferem um valor sonoro especial as letras ou a conjuntos de letras; são os chamados sinais diacríticos: acento agudo, acento grave, til, acento circunflexo, trema e, ainda, ponto de interrogação, ponto de exclamação, ponto final, reticências, aspas, etc, sendo que estes últimos são sinais modificadores da entonação da fala.

No Brasil, o ensino da escrita passou por várias etapas e foi fortemente influenciado pela pedagogia tradicional, de caráter religioso e normativo, dada a influência dos jesuítas, nessa área.

A escrita, em tempos passados, era privilégio de sacerdotes e nobres; para nós, nos dias atuais, é necessidade e direito de todos. A escrita, que serve de comunicação entre os homens, é usada desde a declaração de um sentimento até o fechamento de um importante negócio. A escrita, seja ela qual for, sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural de um povo.

1.2 A importância da convenção ortográfica

Em muitas salas de aula professores se deparam com perguntas do tipo: “Para que aprender essas regras de ortografia se o importante é o outro entender o que eu escrevi?” O próprio educador, muitas vezes, fica sem resposta ou dá uma resposta que não convence nem a ele mesmo.

Albalat (1991, p.03) comungava do mesmo questionamento quando argumentou: “Mas, a final, a ortografia é importante? Trata-se de uma questão essencial ou é uma criação da mente humana para complicar as coisas e dificultar o acesso ao conhecimento? Trata-se de uma consequência da especialização ou só serve para xatear?”.

Na verdade, normas gramaticais são de suma importância para a manutenção da unidade da língua, pois a fala vive passando por transformações. Como diz Cagliari (1997, p. 115): “A fala se modifica em função do tempo e do espaço”.

Outro aspecto importante a ressaltar é o de que as regras ortográficas são fruto de uma convenção social, de um acordo estabelecido pelos especialistas, cujo objetivo é padronizar a escrita, mantê-la íntegra, ou seja, se esse objetivo não se realizasse, a linguagem escrita apareceria, dentro de um mesmo país, fragmentada pela oralidade de cada região e pelo modo de pronunciar de cada falante. Seria uma verdadeira Torre de Babel, pois, com o passar do tempo, ninguém se entenderia mais. Essa seria a real necessidade de se respeitar as convenções ortográficas.

1.3 A aquisição da escrita pela criança e sua evolução a partir da escola

A aquisição da escrita pela criança tem início quando lhe é dada a oportunidade de desenhar, criar histórias, registrar idéias e interpretar as diferentes formas de escrita encontradas em objetos do cotidiano, fazendo com que desde o início ela se sinta produtora de textos. Mesmo aquelas que não sabem escrever convivem com uma série de textos impressos em diferentes objetos e lugares e participam de inúmeras situações em que a escrita está presente.

O aprendizado da notação alfabética se realiza quando a criança tem domínio da convenção letra/som tal como está restringida pelo sistema alfabético. Entretanto, somente depois dessa fase, a criança poderá iniciar a aquisição da norma propriamente dita. A esse respeito, Morais (2003, p.14) afirma que “Embora a criança já se depare com dúvidas ortográficas em fases iniciais da aquisição da escrita, em geral é só depois de escrever alfabeticamente que ela tende a apropriar-se de modo sistemático da norma ortográfica”.

Apresentamos, a seguir, uma pesquisa de Mirim Lemle (1991) que aponta os caminhos que a criança do Ensino Fundamental percorre para que se realize a aprendizagem da escrita normativa:

O primeiro passo do alfabetizando em sua compreensão do sistema de escrita é o casamento monogâmico entre sons e letras, ou seja, o entendimento da situação ideal e perfeita de que cada letra tem seu nome e cada som tem sua letra.

O segundo passo é a teoria da poligamia com restrições de posição. Consiste na rejeição da hipótese da monogamia. É onde o aprendiz percebe que há palavras em que o som da letra *l* não é *[l]* e sim *[u]*, que a letra *r* corresponde a um som forte em início de palavra e a um som brando quando colocada entre duas vogais.

O terceiro passo diz respeito às partes arbitrárias do sistema. É o momento em que o aluno sente insegurança sobre a ortografia correta de uma palavra. Quando mais de uma letra pode, na mesma posição, representar o mesmo som. A opção pela letra correta em uma palavra é, em termos puramente fonológicos, inteiramente arbitrária. É o caso da palavra *rosa* que se escreve com *s*. Pelas regras de distribuição de sons e de letras em português poderia igualmente ser aceita com *z*, do mesmo modo, *exame* poderia igualmente

ser escrita com *s*, ou com *z*.

No quarto passo, o aluno percebe as regularidades ligadas a morfologia das palavras. É o caso, por exemplo, da palavra *beleza* que é escrita com *z* e está numa posição de concorrência com *s*. Assim, pelo som, podia se escrever *belesa*. Entretanto sabendo que o sufixo *-eza*, que forma substantivos a partir de adjetivos, é escrito com *z* e não com *s* permite acertar automaticamente a escrita da palavra ao se conhecer o sufixo.

Diante dessa longa trajetória, resta-nos afirmar que a tarefa do aprendiz de ortografia é multifacetada. Esse é também o pensamento de Moraes (2003, p15) quando diz:

O aprendiz de ortografia deve apropriar-se das restrições irregulares e regulares socialmente convencionadas, de modo a gerar não só a escrita de palavras, mas a escrita correta de palavras. Mesmo dentro do que chamamos casos regulares há peculiaridades: ora o aprendiz precisa refletir sobre a categoria gramatical da palavra, ora precisa atentar para a posição do segmento sonoro dentro da palavra, ora precisa observar a tonicidade do segmento.

A ação pedagógica, diante desse processo, deve ser realizada respeitando as etapas pelas quais a criança percorre, promover atividades que permitam que ela avance de uma etapa para outra. Em alguns casos o professor deverá incentivar conflito, mas em todas as vezes ele deverá fornecer diversas oportunidades de aprendizado.

2. A PESQUISA DE CAMPO

O estudo em pauta foi realizado durante a disciplina Fonologia e Ortografia do Português, desse Curso de Especialização, sob a orientação do Prof^o. Ms. Vicente Martins, através do “Roteiro de Observação Ortográfica”, de Zorzi (1998), aplicado para dez alunos da Escolinha Rainha da Paz, na cidade de Sobral, onde cinco destes cursam o 4^o ano do ensino fundamental I e cinco o 5^o ano do ensino fundamental II. O ditado de palavras, frases e texto foi aplicado em sala, obviamente, enquanto a redação ficou como exercício para casa. Apenas uma aluna fez a redação. Consideramos as amostras suficientes para nosso trabalho.

Nosso objetivo com esse estudo não é apontar erros, pois sabemos que com a variação da linguagem oral surge a dificuldade para se fixar uma notação escrita única para as palavras de uma língua. Nosso propósito, no entanto, é constatar as principais dificuldades encontradas para, a partir daí, fazer um diagnóstico a fim de melhorar o padrão ortográfico do educando.

2.1 Resultados e discussão

Conforme o ditado de palavras, podemos observar, na tabela que veremos a seguir, algumas alterações ortográficas bastante significativas. Com relação ao ditado de frases e textos, encontraremos também, além de alterações comuns, “erros” com relação ao emprego de iniciais maiúsculas e dos sinais de pontuação.

Verificaremos que os alunos do 4º ano têm mais habilidades com a ortografia do que os que estão na série seguinte. Vale salientarmos aqui que os alunos do 4º ano estudam pela manhã, enquanto os do 5º ano à tarde. Conforme redação da aluna do 5º ano que analisaremos, poderemos perceber que, além do estudo, ela tem outras preocupações que tiram um tempo precioso do aprendizado.

Segundo Zorzi (1998, p. 34), “as alterações ortográficas podem ser classificadas através de 10 categorias, mais comumente encontradas na escrita das crianças em geral”. Utilizando essas categorias, no ditado de palavras, frases, textos e redação, sublinhamos as palavras onde podemos encontrar alterações para uma melhor compreensão do observador.

ALTERAÇÕES ORTOGRÁFICAS

- 1- Alterações ou erros decorrentes da possibilidade de representações múltiplas (o que podemos perceber, claramente, nas palavras que envolvem a grafia dos fonemas /s/, /z/, /ʃ/, /g/, /r/ etc. que geram uma certa confusão pelo fato de não haver formas fixas ou únicas de representação destes sons.

- 2 - Alterações decorrentes do uso das letras m e n para indicar a nasalidade das vogais nasais.
- 3- Alterações ortográficas decorrentes de apoio na oralidade, ou seja, aquelas palavras grafadas erroneamente devido a um apoio no modo de falar.
- 4- Omissões de letras (palavras grafadas de modo incompleto em função da omissão de uma ou mais letras).
- 5- Alterações decorrentes de confusão entre as terminações am e ão.
- 6- Generalização de regras (a forma da pronúncia chega a confundir a criança no momento da escrita).
- 7- Alterações caracterizadas por substituições envolvendo a grafia de fonemas surdos e sonoros.
- 8 - Acréscimo de letras.
- 9 - Casos de duas alterações ortográficas em uma mesma palavra.
- 10- Alterações caracterizadas por junção ou separação não convencional das palavras.

FRASES (amostras)

1- *Vovó Esté⁴: dava conselho não queria que nimgem⁹ sofrese¹.*

Podemos verificar nessa frase omissões de letras, alterações decorrentes do uso das letras m e n para indicar a nasalidade das vogais nasais, alterações decorrentes da possibilidade de representações múltiplas, sem falar no emprego errôneo dos sinais de pontuação.

2- *I³ ugalu a prendeu qui³ pai não tem nada qui³ fica⁴ mando no⁹ farze³ as couza⁸ por que está co⁴ prequissa⁹ di³ levanta⁴.*

Nessa frase encontramos alterações ortográficas decorrentes de apoio na oralidade, omissão de letras, alterações caracterizadas por junção ou separação não convencional das palavras, inversão de letras, alterações caracterizadas por substituições envolvendo a grafia de fonemas surdos e sonoros e alterações decorrentes da possibilidade de representações múltiplas.

DITADO DE PALAVRAS

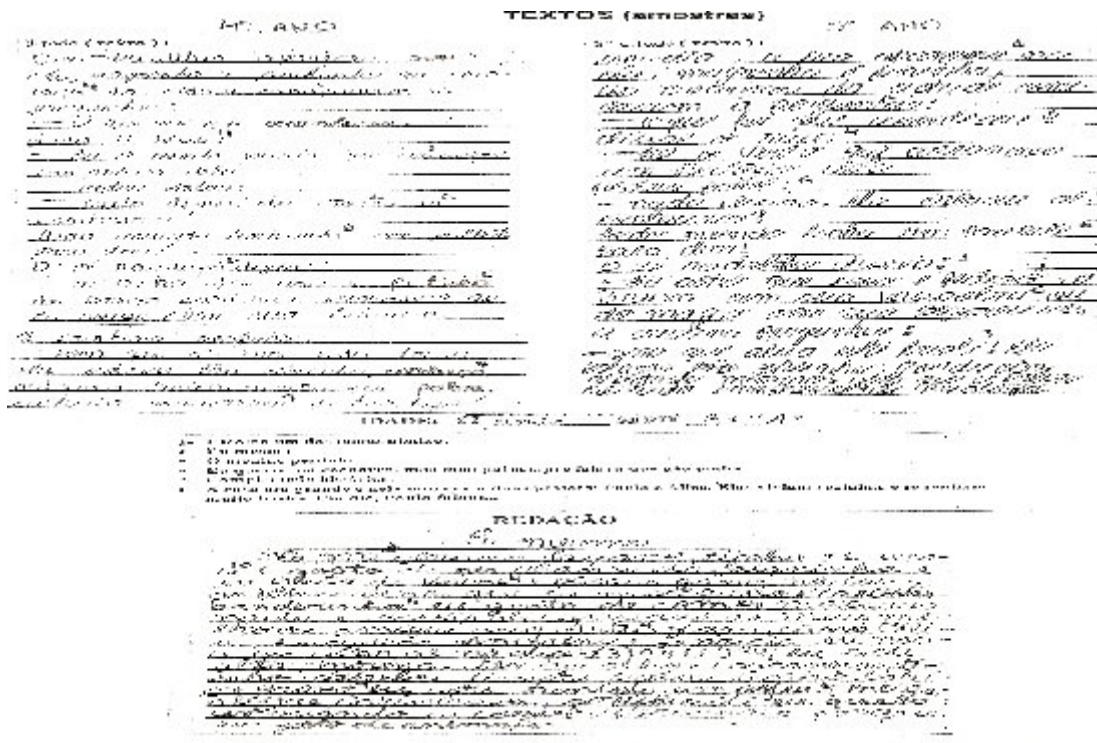
COLUNA 1	ANA	CARLA	JOÃO	PEDRO	EDSON	FRANCISCO	VICENTE	CARLOS	JOSÉ	MARIA
CAÇADOR						CASSADOR ¹	CASADO ⁹			CASADOR ¹
CARROÇA				CAROÇA ¹			CARROÇO ¹		CARROSA ¹	CARROSA ¹
TRAVESEIRO							TRAVESEIRO ¹		TRAVESEIRO ¹	TRAVESEIRO ⁹
CIMENTO			SIMENTO ¹							
QUEIXO			QUEIJO ⁷	QUEIJO ⁷	QUEIJO ⁷		QUEICHO ¹	QUEICHO ¹	QUEICHO ¹	QUECHO ⁹
GELATINA				JELATINA ¹						
GIRASSOL			GIRASOL ¹	GIRASOL ¹		GIRASOL ¹	GIRASOL ¹	GIRASSOSSOL ⁸		GIRASOL ¹
COMPRARAM						COMPRARÃO ⁵	COMPRARÃO ⁵		COMPRARÃO ⁵	CONPRARAM ²
SOLTOU		SOUTOU ⁶	SOUTOU ⁶	SOULTOU ⁸		SOUTOU ⁶	SOUTO ⁹			SOUTOU ⁶
TANQUE				TAQUE ⁴		TANQUI ³	TANK ¹			
QUEIMAR						QUEIMA ⁴				
SERVIÇO						SERVISSO ¹				SERVISSO ¹
EXEMPLO						EXEPLA ⁴	EXEMPLO ²			EXEMPLO ²

DITADO DE PALAVRAS

COLUNA 2	ANA	CARLA	JOÃO	PEDRO	EDSON	FRANCISCO	VICENTE	CARLOS	JOSÉ	MARIA
EXPLICAÇÃO										
ASSALTOU		ASAUTOU ⁹	ASSAUTOL ⁶	ASAUTOU ⁹			ASAUTOU ⁹	ASSAUTOL ⁶		
ZELADOR						SELADOR ¹				
VIZINHO							VEZINHO ³			
MACHUCADO				MACHOCADO ³						
TIJOLO				TICHOLO ⁷						TIGOLO ¹
JORNAL										
VIAJARÃO	VIAJARAM ⁵	VIAJARAM ⁵						VIAJARAM ⁵		VIAGARAM ⁹
QUENTE						QUENTP ³			QUENTP ³	QUENTP ³
MANGUEIRA										
MACARRÃO				MACARÃO ¹					MACARÃO ¹	
CANTARÃO								CANTARAM ⁵		CANTARRÃO ¹

DITADO DE PALAVRAS										
COLUNA 3	ANA	CARLA	JOÃO	PEDRO	EDSON	FRANCISCO	VICENTE	CARLOS	JOSÉ	MARIA
FAZER										
PRESENTE				PREZENTE ¹		PREZENTI ⁹			PRESENTI ³	
CHURRASCO				CHURASCO ¹						CHURASCO ¹
ENXUGAR	ENCHUGAR ¹	ENCHUGAR ¹		ENCHUGAR ¹		ENCHUGA ⁹	ENCHUGAR ¹	ENCHUGAR ¹	ENCHUGAR ¹	ENCHUGAR ⁹
MANCHAR						MANCHA ⁴				
BANDEJA								BANDEIJA ⁸		
COMERÃO	COMERAM ⁵	COMERAM ⁵						COMERAM ⁵	COMERAM ⁵	
FALARAM						FALARÃO ⁵	FALARÃO ⁵			FALARRÃO ⁹
GUERRA										
SANGUE						SAMGUE ²			SANGUI ³	SAGUE ⁴
COMBINAR	CONBINAR ²	CONBINAR ²				COMBINA ⁴	CONBINAR ²			CONBINAR ²
ESTUDAM							ESTUDÃO ⁵			ESTUDÃO ⁵
BOMBEIRO							BOMBERO ⁴			BONBEIRO ²

*Os nomes constantes nesta tabela são fictícios, para preservar a identidade dos alunos.



3. SUGESTÕES DE TÉCNICAS E ESTRATÉGIAS DE ENSINO DA ORTOGRAFIA

Diante das alterações ortográficas mostradas no capítulo anterior, cabe ao professor advertir sua sala de que a escrita não é um espelho da fala; orientar seus alunos para o uso do dicionário em suas produções de texto; fazer ditados com o objetivo de levar os alunos a verificarem a alteração cometida através de uma pauta de autocorreção, onde através das regras gramaticais eles mesmos possam constatar a falha, corrigindo-a. Isso fará com que o professor desenvolva na criança uma atitude de controle consciente do ato da escrita, de modo que ela possa, enquanto escreve, detectar as situações passíveis de erro, aplicando as estratégias de decisão a respeito de que letra deve ser usada.

O educador deve levar o aluno a segmentar palavras, realizando a produção forçada de fonema por fonema e, em seguida, fazer a correspondência letra a letra, como uma soletração: “Que som que tem, que letra que se escreve”. O aluno deve trabalhar com palavras que contenham mesmo som: listam-se as possibilidades de escrita e começa-se a

verificar quais podem dar certo ou não, utilizando um procedimento de exclusão e de leitura do que ficaria escrito.

É dever do professor alertar os alunos de que, no mundo em que vivemos, quem não domina a convenção ortográfica é discriminado socialmente, todavia, não podemos adotar atitudes extremas diante do primeiro equívoco da criança. Tantas intervenções sem incentivos fazem a criança acabar achando que é incapaz de produzir algo corretamente. Para conseguir escrever corretamente ela terá um longo caminho a seguir. De acordo com Morais (2003, p.61): “É papel do professor ajudar a criança a refletir sobre os erros ortográficos. Só assim ela internaliza as regras que, por serem aparentemente complexas, vão desafiá-la por toda a vida”.

Para uma criança não adianta dizer que determinada palavra se escreve assim por ser de origem latina, descendente deste ou daquele radical ou de origem indígena. Na verdade isso só traria confusão para ela, uma vez que a mesma não sabe latim e muito menos um dialeto indígena. A melhor forma, nesses casos, é memorizar a forma correta através de listagens ou consultando o dicionário. Lourenço (2005, p.02) diz: “Deve-se deixar claro para os alunos que algumas palavras têm sua correspondência letra-som regulares, mas, em outros casos, são irregulares e, por sua vez, exigem memorização.”

O incentivo é a melhor maneira de se conseguir êxito com os alunos. Para que a aula se torne mais interessante cabe ao professor planejar, dinamizar, esforçar-se para que esses momentos sejam agradáveis: Atividades extra-sala como a observação da escrita de nomes de lojas, “outdoors”, placas, cartazes etc; aulas com a utilização de cartolina e pincel durante a correção de ditados, por exemplo, onde a cada constatação de alteração ortográfica, a regra seria copiada e afixada na parede a fim de ser consultada sempre que surgirem as mesmas dúvidas. Para Piaget (1973, p.89):

O bom experimentador deve, efetivamente, reunir duas qualidades muitas vezes incompatíveis: saber observar, ou seja, deixar a criança falar, não desviar nada, não esgotar nada e, ao mesmo tempo, saber buscar algo preciso, ter a cada instante uma hipótese de trabalho, uma teoria, verdadeira ou falsa, para controlar.

Na verdade, muitos são os recursos facilitadores para trabalhar as diversas alterações ortográficas encontradas na língua portuguesa escrita. Esperamos que as atividades propostas aqui possam suprir as dificuldades mais urgentes dos alunos que, prestativamente, participaram dessa pesquisa, sendo disponíveis na realização do ditado de palavras, frases e texto, como da aluna que, além do ditado, fez a redação em sua casa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim desta pesquisa, concluímos que, entre outras deficiências com relação à ortografia, a maior dificuldade encontrada pelo aluno diz respeito à transcrição de palavras que apresentem letras com o mesmo som. Isso se dá porque o aluno sente a necessidade de escrever de acordo com a pronúncia da palavra, e porque ele não tem a maturidade suficiente de fazer uma associação do som à escrita, pois sabemos que a forma culta exige o conhecimento de algumas regras que são fundamentais para a grafia correta.

A maior dificuldade por parte dos professores diz respeito à forma de ensinar as regras, ou a ausência destas, de maneira dinamizada, proporcionando momentos de prazer e descontração. É dever do educador, portanto, colocar-se no lugar do aluno, compreender como ele se sente diante das palavras desconhecidas. Para aquelas de correspondência letra/som regulares ficará fácil a compreensão, porém para os casos de irregularidade o professor deverá propor exercícios de memorização; para as que exigem regras, atividades para internalizá-las

Recomendamos, portanto, que as técnicas e estratégias de ensino da ortografia, propostas nessa pesquisa, sejam utilizadas nas salas de aula como está acontecendo na Escolinha Rainha da Paz, que nos proporcionou a pesquisa de campo, e vem desenvolvendo o ofício de ensinar ortografia de uma maneira renovada e satisfatória, bem como subsídio para futuras pesquisas aplicadas, a fim de possibilitar a criação de outras formas de ensino apropriadas para a aprendizagem da ortografia no Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBALAT, Vicente Barbera. **La reforma ortográfica**. Madri: Apuntes de Educacion,1991.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1997.

LEMLE, Mirim. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1991.

LOURENÇO, Rosemeire Alves. **Ortografia: como cobrar dos alunos?** Net, São Paulo, 2005.Disponível em:

< <http://www.Gestaouniversitária.com.br> >. Acesso em: 23. Ago. 2007.

MORAIS, Artur Gomes de. “Escrever como deve ser”. In TEBEROSKY, Ana e TOLCHINSKY, Liliana. (orgs.). **Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática**. Tradução de Stela Oliveira. São Paulo: Ática, 2003.

MORAIS, Artur Gomes de. “Ortografia: este peculiar objeto de conhecimento”. In MORAIS, Artur Gomes. (org.). **O aprendizado da ortografia**. Belo Horizonte: Autêntica,2003.

PIAGET, Jean. **A representação do mundo na criança**. Rio de Janeiro: Record, 1973.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprender a escrever: apropriação do sistema ortográfico**. Porto Alegre: Artes Médicas,1998.